

---

## A CARADELA

---

*Everaldo Soares Junior*

Escutando o discurso de Albertina, a minha atenção passeava pela narrativa de suas memórias. Albertina falava-me, aos 33 anos, de sua família e de alguns acontecimentos que guardava consigo e que achava que ninguém sabia que ela sabia que era conhecedora desses fatos.

Primeira filha do segundo casamento de sua mãe, tendo uma irmã mais nova, além de dois irmãos e uma outra irmã do primeiro casamento da mãe, Albertina tinha ouvido falar que o primeiro marido da mãe era um policial que foi embora de casa. Voltando para o quartel, esse homem teria entrado em depressão e se matado. Sua mãe, muito bonita, ex "miss", casou novamente; dessa vez com um homem bonito, mas de profissão, boêmio. A beleza do pai e a paixão da mãe por ele, faziam parte de suas recordações de infância entre os 3 e os 4 anos de idade. A mãe tentou impedir que Albertina tomasse conhecimento da violência e crueldade do seu pai, mas Albertina diz que lembra muito bem do pai chegando em casa, entrando brusca-mente no quarto, batendo na mãe e colocando Albertina para fora do quarto, puxando-a pelos braços com muita violência. Ela lembra ainda das dores que sentia da pressão das mãos do pai no seu corpo. Um dia, escuta, numa conversa de adultos, à distância, onde

sua presença era proibida, seu pai dizendo que ia embora e que tinha matado duas pessoas. Assistiu a toda cena da saída do pai sem que ninguém percebesse. Algum tempo depois seu pai estava novamente em casa, quando dois homens mal-encarados perguntaram a ela, por ele. Ela diz que o pai está em casa. Era a polícia que o levou preso e algemado.

Tempos depois, já aos 11 anos de idade, relembra seu pai chegando em casa, muito eufórico, falando alto, dizendo que estava livre da justiça e procurando, no quarto da mãe, os jornais amarelecidos que traziam o noticiário sobre o assassinado das duas pessoas. Ele estava gritando, falando alto, o que provocava na mãe muita raiva, por ele estar dizendo tudo aquilo diante de suas filhas menores. A mãe, nesse momento, briga com ele e o coloca para fora de casa. Albertina diz que esse pai morreu velho e doente, abandonado em um hospital. Sua mãe e sua irmã ainda foram visitá-lo, mas ela não. Não sentiu vontade. Mesmo assim, sentiu-se triste e culpada.

Continuando seu discurso, Albertina conta que atualmente o que se passava com ela era alguma coisa que nunca tinha sentido antes. E me fala, "doutor, eu não suporto a caradela". Ficou calada, ofegante e diante do meu silêncio prosseguiu, "é de minha irmã

mais velha que falo, seu jeito mandão, seu cheiro de cachaça, não suporte nem chegar perto". Nova pausa, continua falando, "mas antes não era assim, eu gostava da minha irmã, mesmo porque foi ela quem foi trabalhar quando o meu pai foi embora, para colocar as coisas em casa. Era ela quem trazia o dinheiro da feira, quem pagava a contas da casa. Minha mãe ficou doente, paraplégica em cima de uma cama e eu cuidava dela e da casa, pois minha irmã trabalhava fora. Mas 'eu não suporto a caradela'. Um dia, ela, que tinha mania de trazer tudo para dentro de casa, gato e cachorro, traz uma criança recém-nascida, dizendo que aquela menina devia ser criada na minha casa. No primeiro momento eu não gostei da idéia de criar alguém que não tinha nada a ver com a gente, mas quando vi a menina, fraca, chorando, me apaixonei por ela e achei que alguma coisa dela se parecia comigo.

"Até hoje eu crio essa menina, que é minha filha. Minha irmã mais velha é que é a mãe adotiva. Minha vida é cuidar da casa e da menina, sou muito encabulada, não gosto de sair de casa, mas 'não suporto mais a caradela'".

Na minha escuta, a surpresa na repetição da frase "não suporto a caradela", provavelmente um significante que indica uma posição de sujeito. A cara dela causava-lhe uma insuportabilidade e sempre que falava fazia longo silêncio.

Freud vai falar que acontece um gozo masoquista feminino na menina, diante do pai, portador do falo — momento do Édipo que implicaria em uma punição maior.

Lacan nos adverte no seminário "As Psicoses" que o Édipo é a estrutura. A estrutura inconsciente, texto inscrito pela cadeia de significantes. O que representaria o significante "a caradela"? indicaria a experiência de um gozo

interditado em um momento do Édipo, menina castrada — sem falo — diante de um pai real, sedutor, que possui a todos?

No seminário "Relações de Objeto" Lacan nos mostra em um quadro, pai real e mãe real, castração no simbólico e objeto no imaginário. Pai mítico, sustentado no imaginário da menina que não pode falhar. Gozo interditado em relação à mãe e, em outro momento, gozo diante desse pai sedutor. Vamos entender o pai como uma função, campo onde se realiza a experiência da criança. A vertente interdição a separa da mãe. Duas vertentes acontecem, uma de interdição — palavra do pai que encontra o desejo da mãe — e outra sedutora, dirigida à criança. Nos meninos, numa luta ambivalente de amor e ódio, se espera emergir a virilidade; nas meninas, desprovidas de falo, uma feminilidade. Um lugar onde a experiência da histórica se realiza — gozo do Outro — em que um representante da linhagem paterna, no caso "a caradela" é a irmã mais velha. A criança por quem Albertina se apaixona e diz que é sua filha, lhe foi dada por sua irmã, que também trazia dinheiro e pagava as contas da casa. A insuportabilidade do gozo designado pelo significante "a caradela" poderia representar um pai sedutor e indicar um gozo masoquista que, na menina, indicaria sua sexualidade feminina. Assim a expressão significante "não suporto a caradela" permitiria uma nova organização da cadeia de significante pela substituição do significante nome do pai em lugar da mãe — momento simbólico da construção da metáfora.

